

## **Etapas do tradicionalismo no Brasil**

*Stages in the Brazilian traditionalism*

*Prof. Dr. Tiago Adão Lara (CES - Juiz de Fora - MG)*

[tiagoalara@oi.com.br](mailto:tiagoalara@oi.com.br)

**Resumo:** O texto visa: 1) a dar conta do resultado da pesquisa, sobre o tradicionalismo filosófico, no Brasil; 2) a ressaltar o que, na pesquisa, evidenciou-se como etapas, nesta história; 3) a apontar possível tarefa, para a continuidade do processo.

**Palavras-chave:** Tradição; Razão; História.

**Abstract:** The text aims at: 1) approach the results of a research on the philosophic traditionalism in Brazil; 2) point out that which in the research is seen as the stages in this history; 3) indicate possible actions for the continuity of the process.

**Key words:** Tradition; Reason; History.

### **1. Considerações iniciais**

1- Parece-me que a tarefa que me foi confiada tem por objetivo: 1. Traçar um quadro das conquistas que nosso grupo conseguiu, no trabalho de pesquisa sobre o tradicionalismo no Brasil; 2. Apontar rumos para a continuidade do trabalho, se for o caso; 3. Provocar um diálogo entre os participantes deste encontro, pois o encontro é espaço-tempo de partilha de experiências, de confronto de perspectivas e de esclarecimentos, que ajudem a consistência do nosso trabalho.

De maneira resumida, diria eu que, apoiando-me nas obras que publicamos, nestas últimas décadas, e cuidadosamente arroladas por José Maurício de Carvalho, na introdução de *Atas do VII Colóquio Antero de Quental*; apoiando-me sobretudo em visões panorâmicas novamente de José Maurício, e também de Antônio Paim e de Ubiratan Macedo, podemos dizer que nossas principais conquistas se consubstanciam no fato de termos chegado a uma conceituação mais clara do tradicionalismo, como vertente filosófica e ideologia sócio-política, atuante no Brasil, na época do Império, como resistência ao

liberalismo; e perdurando, durante a República Velha, de maneira bem delineada e, então, em oposição também ao positivismo. Temos já claro também que, como ideologia e como reflexão, ainda não completamente exploradas por nós, o tradicionalismo perdura atuante no nosso processo cultural. O artigo de Anna Maria Moog Rodrigues, publicado nas citadas Atas do VII Colóquio Antero de Quental, traça-nos um panorama bastante esclarecedor do que já se tornou claro e do que poderia ser considerado tarefa a realizar-se.

## 2. Os rumos do tradicionalismo brasileiro

2- Com relação às conquistas maiores, relativas ao tradicionalismo no Brasil, eis alguns dados úteis para o debate que se seguirá.

Em *A liberdade no império* e, particularmente, no capítulo VIII de *As ideias políticas no Brasil – vol.II*, Ubiratan Borges de Macedo, de saudosa memória, elabora com esmero uma conceituação capaz de desfazer certas confusões e certos preconceitos, com relação ao tradicionalismo. Escreve ele:

O tradicionalismo é hoje uma filosofia política com contornos nítidos, na história das ideias. Karl Mannheim, no seu ensaio sobre o pensamento conservador, ainda na década de 20, mostrou sua originalidade ao distinguir a atitude cultural e psicológica de manutenção do status quo, da ideologia e filosofia política surgida, em fins do século XVIII, e que, em oposição à Revolução Francesa, defendia a tradição e buscava conservar a antiga ordem... Há uma ideologia política moderna cujo conteúdo é a defesa da tradição ou conservação de uma determinada ordem, que se acha ameaçada e cujo principal tematizador de mérito foi Edmund Burke (1790) nas suas *Reflexões sobre a Revolução Francesa*” (MACEDO, 1979, p.227-8).

Ubiratan enfatiza que não é de modo algum esclarecedor confundir as categorias tradicionalismo e tradicionalistas com pensamento católico, porque, embora o pensamento filosófico tradicionalista tenha encontrado uma robusta plêiade de pensadores católicos, o Catolicismo como tal não aderiu oficialmente ao tradicionalismo; e grandes nomes tradicionalistas estão fora da tradição católica. É o caso de Edmund Burke, por exemplo.

3- Os estudos já realizados levam-nos a estabelecer períodos, no acontecer do tradicionalismo, no mundo luso-brasileiro, com a vantagem de criar inteligibilidade maior,

em relação a nuances altamente significativas. José Maurício, na obra e artigo já citados, escreve:

As pesquisas realizadas nas últimas décadas apontam para quatro ciclos mais ou menos bem delineados, cuja compreensão fica facilitada pela comparação com o tradicionalismo português. O primeiro ciclo é luso-brasileiro e ocorre no final do período pombalino. O seu primeiro articulador foi Pascoal José de Melo Freire (1735-1798) [...] O objetivo de Melo Freire foi o de contrapor o tradicionalismo ao liberalismo político, além de relacionar moral e jurisprudência. O resultado dessas teses foi o miguelismo, movimento político, que traduz a recusa do sistema representativo. José da Gama e Castro (1798-1873) tornou-se o principal teórico desse ciclo (Carvalho, 2009, p.8).

O segundo ciclo tem conotação tipicamente brasileira. Inspira-se, sem dúvida em Melo Freire, mas, sob a influência de D. Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860), liga-se à problemática de caráter mais filosófico-teológico como suporte teórico à luta do catolicismo contra a modernidade representada pelo liberalismo. Daí o fato que, no jogo político partidário, configuram-se atitudes nada nítidas. Não se pode, por exemplo, afirmar que os conservadores, no Império, tenham sido tradicionalistas em contraposição aos liberais do partido liberal.

O terceiro ciclo do tradicionalismo, em território brasileiro, é o que se constitui na época da República Velha. Essa institui-se sob o signo do confronto com a religião católica, uma vez que ela não só marcava os horizontes culturais da época de Brasil Colônia e durante o Império, mas era também, institucionalmente, a religião oficial. A República, por sua vez, proclamou-se laica. A Igreja católica sentiu-se diminuída e ameaçada. Não recuou. Resistiu. Num primeiro momento, muitos católicos se posicionam contra a República, apesar de, oficialmente, os bispos adotarem uma estratégia de sobrevivência de acomodação. Projetou-se até a formação de partido político católico. José Maurício se expressa da seguinte maneira: “até 1930, a atuação tradicionalista foi principalmente política, com a expectativa de retorno à monarquia” (Carvalho, 2009, p.9).

O quarto período é delineado, de maneira mais esclarecedora, por Anna Maria Moog Rodrigues, no antigo *O tradicionalismo católico*, em Atas do VII Colóquio Antero de Quental. A presença do tradicionalismo vige, a partir de 30, numa recomposição institucional da Igreja. Separada do Estado, ela se reorganizou e foi capaz de lançar uma contraofensiva cultural, através também de um contingente significativo de pensadores católicos leigos, cuja meta se pode expressar no lema: “recuperar o Brasil para Cristo”. Trabalho precioso a respeito encontra-se na tese de doutorado de Romualdo Dias, sob o título: *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil 1522-1930*. Esse elã perdurou até o Concílio Vaticano II, na década de 60. Com esse os rumos do tradicionalismo de cunho católico se embaralha. É aqui que uma intrincada experiência religiosa social e política estão a reclamar pesquisa e reflexão mais acuradas.

4- Penso eu que o fio condutor ou o princípio de inteligibilidade do significado histórico do tradicionalismo, de cunho filosófico, continua no fundo sendo a velha questão da razão e seu papel fundante de justificativas para as estruturas e para as dinâmicas da convivência humana. Edmund Burke expressou essa função, de maneira clara, em *Reflexão sobre a Revolução em França*. Não se liga ele à tradição católica. Quando se refere à tradição não supõe alguma revelação sobrenatural na qual essa se funde. Apela para a razão humana, à qual se reportava a tese liberal. Apela para a força da experiência de vida racional na imanência, porém, de um processo histórico humano coletivo, comunitário. É esse testemunho que ele considera concreto, não abstrato. Escreve:

Tememos colocar os homens para viverem e comerciarem cada um com o seu próprio estoque de razão, porque suspeitamos que o fundo de cada homem é pequeno e que os indivíduos fariam melhor se utilizassem o banco geral e o capital das nações e dos séculos. Muitos dos nossos filósofos, em vez de desacreditarem os preconceitos, empregam sua sagacidade em descobrir a sabedoria oculta que eles encerram. Se encontram o que procuram – e raramente falham – consideram mais sábio perpetuar o preconceito com a razão que ele envolve do que tirar o invólucro do preconceito, deixando a razão nua; porque o preconceito torna a razão ativa, e pela afeição que inspira dá-lhe permanência. (BURKE, 1982, p.108)

Claro que a muitos católicos as teses do tradicionalismo se apresentavam como aptas a enfrentar as investidas do liberalismo, considerado por eles como o mal do século XIX, responsável por todas as suas desordens. Uma robusta reflexão filosófica de cunho tradicionalista formou-se em França, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. Analisamos amplamente esse movimento, no II capítulo de nossa tese de doutorado, intitulada: *Tradicionalismo católico em Pernambuco*, publicada em Recife, em 1988. E o fizemos porque, de fato, os pensadores tradicionalistas católicos foram aqueles nos quais se inspiraram e se basearam os pensadores pernambucanos, por mim pesquisados e analisados. Não me parece, contudo, que eles se tenham dado conta desse nível de reflexão que acontecia na Europa, nem das lutas que se travavam, em termos de ortodoxia católica ou não, a respeito. Escrevi, então, na conclusão de meu trabalho:

Tentando caracterizar melhor a fisionomia do tradicionalismo, em Pernambuco, no período histórico que estudamos, podemos afirmar que os tradicionalistas pernambucanos: 1- *no campo social* desconhecem proposta de uma ordem anterior, apresentada como ideal. Não levantam também proposta alguma de uma nova ordem. A leitura dos autores estudados, revela-nos quase total ausência de preocupação pelos problemas socioeconômicos. Em *O Católico*, há leves acenos ao problema da escravidão; 2- o que eles propõem é uma reforma sobretudo moral da ordem vigente. A igreja é a instituição à qual compete ser a grande dinamizadora dessa reforma. Para isso é preciso que ela goze de liberdade plena de ação. Urge, em vista disso, modificações em certos pontos da legislação do Império; 3- repudiam, é claro, a proposta liberal de uma ordem social leiga, mesmo aquela dos liberais católicos, que defendiam a Igreja livre no Estado livre. Para os tradicionalistas, o regime viável era o da união entre Igreja e Estado; 4- no que concerne ao tipo de filosofia, na qual estruturam seu pensamento, aceitam, em geral, as teses filosóficas de cunho sociopolítico, correntes no mundo católico europeu, e que se encaminham para uma fundamentação na escolástica, sobretudo no tomismo. Explicitamente se remontam à grande tradição católica dos Padres e dos Doutores medievais, e citam também, com frequência e com satisfação, os pensadores tradicionalistas, sobretudo, Ventura, Balmes, Donoro Cortés, De Bonald, De Maistre, La Mennais. Não discutem as teses que caracterizavam, no seio dos pensadores católicos, os tradicionalistas, e que mereceram censura, ou

mesmo repúdio, da parte de Roma, como a tese da *necessidade* de uma revelação primitiva, natural ou sobrenatural, para a razão poder conhecer as verdades fundamentais da ordem intelectual, moral e religiosa. (LARA, 1988, p.139-140)

### 3. considerações finais

Hoje, a questão da razão, como fundamento das normas de convivência humana, está na ordem do dia. Para muitos pensadores, trata-se de desvestí-la de seu caráter metafísico, apontado como responsável pelo totalitarismo, por causa das verdades absolutas que ela implica. Fala-se, então, em um pensar posmetafísico, em uma tarefa de desconstrução, em racionalidades variadas, em filosofias das diferenças, em morte do sujeito moderno. Por outro lado, perduram propostas de leituras da realidade e de atitudes e comportamentos que parecem dar largas a relativismos e ceticismos. As propostas religiosas estão impregnadas de lamentável carência de espírito crítico. Tradicionalismo pode querer significar tudo isso, mas pode significar também a pedra, no caminho, que nos obriga a repensar o papel da razão ocidental, na tarefa de marcar rumos de cultura distinta, para o ideal humano de Civilização.

#### Referências:

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução Francesa*. Tradução Renato de Assumpção Faria, Denis Fontes de Souza Pinto e Carmen Lídia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

CARVALHO, José Maurício de. *Contribuição Contemporânea à História da Filosofia Brasileira: balanços e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 3ª edição, 2001.

\_\_\_\_\_. *Atas do VII Colóquio Antro de Quental vol II: a diferença entre o tradicionalismo português e o brasileiro*. São João Del-Rei: UFSJ, 2009.

CORDI, Cassiano. *O tradicionalismo na República Velha*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1985.

DIAS, Romualdo. *Imagens de Ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: UNESP, 1996.

LARA, Tiago Adão. *Tradicionalismo Católico em Pernambuco*. Recife: FUNDAI, Massangana, 1988.

MACEDO, Ubiratan Borges. *A Liberdade no Império: o pensamento sobre a liberdade no Império Brasileiro*. São Paulo: Convívio, 1977.

\_\_\_\_\_. O Tradicionalismo no Brasil. In: *As Idéias Políticas no Brasil – v.2*. São Paulo: Convívio, 1979.

PAIM, Antonio. *Os intérpretes da Filosofia Brasileira*. Londrina: UEL, 1999.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. O Tradicionalismo Católico. In: CARVALHO, José Maurício. *Atas do VII Colóquio Antro de Quental vol II: a diferença entre o tradicionalismo português e o brasileiro*. São João Del-Rei: UFSJ, 2009.

Data de registro: 26 de fevereiro de 2009

Data de aceite: 29 de maio de 2009